

# **JOAQUIM AFONSO GONÇALVES, PROFESSOR E SINÓLOGO**

*António Aresta\**

Joaquim Afonso Gonçalves é uma figura de capital importância no contexto das relações culturais entre Portugal, Macau e a China no século XIX. Fora do círculo erudito da sinologia portuguesa, a memória da vida e da obra deste transmontano ilustre encontra-se injustamente esquecida, delida por um tempo apressado que cura pouco dos valores da espiritualidade e da cultura. Afora algumas referências circunstanciais<sup>1</sup>, é tempo de esta personalidade ser convenientemente estudada. E este modesto apontamento pretende ser apenas o primeiro passo. Joaquim Afonso Gonçalves nasceu a 23 de Março de 1781, em Tojal, concelho de Cerva, distrito de Vila Real. Entrou para o Seminário de Rilhãfoles, Lisboa, em 17 de Maio de 1799 e tomou os votos em 18 de Maio de 1801. Destinado à missão no extremo oriente, embarcou em Lisboa em 1812, com destino a Pequim, aportando a Macau em 28 de Junho de 1813. Impedido de prosseguir viagem para Pequim, devido à conjuntura política na corte imperial, missionou sempre em Macau.

Foi Professor no Real Seminário de S. José, membro da Real Sociedade Asiática de Calcutá e da Academia de Ciências de Lisboa. Era, ainda, Cavaleiro da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa. Faleceu a 3 de Outubro de 1841, sendo sepultado no Cemitério de S. Paulo. Em 1872 o seu corpo foi trasladado para a Igreja de S. José, cuja lápide sepulcral ostenta a seguinte inscrição:

*D. O. M.*

*Hic Jacet  
Rev. D. Joaquim Alph. Gonçalves Lusitanus  
Presbyter Congregationis Missionis  
In Regali Collegio S. Joseph Macaonensi  
Professor Eximius*

---

\* Professor e Investigador.

<sup>1</sup> Monsenhor Manuel Teixeira, «Vultos Marcantes em Macau», edição da Direcção dos Serviços de Educação e Cultura, Macau, 1982, pp. 107-108; António Aresta, «A Educação Portuguesa no Extremo Oriente», Lello Editores, Porto, 1999, pp. 160-162.

*Regalis Societatis Asiaticae Socius Exter  
Pro Sinensibus Missionibus Sollicitus  
Perutilia Opera  
Sinico, Lusitano Latinoque Sermone  
Composuit Et In Lucem Edidit  
Moribus Suavissimis, Doctrina Praestanti  
Integra Vita, Qui Plenus Diebus  
In Domino Quievit, Sexagenário Major  
V. Non. Octobr.  
Anno MDCCCXLI  
In Memoriam Tanti Viri  
Eius Amid Litteraturaeque Cultores  
Hunc Lapidem Consecravere.*

Joaquim Afonso Gonçalves, padre da Congregação da Missão ou de S. Vicente de Paulo, vinha precedido da fama de ser exímio na música, nas matemáticas e na teologia, qualidades que, pensava-se, seriam de grande importância na Corte Imperial em Pequim<sup>2</sup>, onde estavam outros missionários europeus e portugueses que prestavam conselhos científicos, técnicos, humanísticos e artísticos ao Imperador e a outros altos dignatários da Corte, dando corpo a um verdadeiro intercâmbio civilizacional ao mesmo tempo que zelavam pelas relações de Portugal com a China e vigiavam a fortuna de Macau. A missão, essa era mais discreta como convinha numa terra de intolerância religiosa que ciclicamente perseguia o cristianismo. Em meados do século XVIII, em 1783, com o intuito de acabar com a deplorável decadência do território, a Rainha portuguesa D. Maria I promulgou uma série de medidas que ficaram conhecidas como Providências Régias. Martinho de Mello e Castro, o Ministro da Marinha e Ultramar, avaliando a situação, concluiu que essa decadência tinha muito a ver com a excessiva concentração de poderes no Senado e com a submissão constante desse órgão às exigências mandarínicas. Tornava-se, pois, imperioso inverter esta situação, dignificando a figura do Governador, que, em Macau, representava o poder central. Os meios que permitiriam dignificar a figura do Governador estavam referenciados na segunda Providência que determinava que a escassa e frágil guarnição militar de Macau fosse substituída por uma Companhia de 150 soldados vindos de Goa, estes sim verdadeiramente operacionais. A sátira do poeta Bocage, sobre esses tempos, é eloquente:

*Um governo sem mando, um Bispo tal,  
De freiras virtuosas um covil,  
Três conventos de frades, cinco mil,  
Nh's e chins cristãos, que obram mal;*

---

<sup>2</sup> Ao tempo, o imperador da dinastia Ching ou Manchú era Chia-ch'ing, que reinou entre 1796-1820.

*Uma Sé que hoje existe tal e qual,  
Catorze prebendados sem ceitel, Muita  
pobreza, muita mulher vil, Cem  
portugueses, tudo em um curral;*

*Seis fortes, cem soldados, um tambor,  
Três freguesias cujo ornato é pau, Um  
vigário-geral sem promotor,*

*Dois colégios, um deles muito mau, Um  
Senado que a tudo é superior, É quanto  
Portugal tem em Macau.*

Relevando algum exagero na sátira de Manuel Maria Barbosa du Bocage, a situação de Macau, em termos económico-políticos, sociais, culturais e religiosos, era realmente dramática, senão insustentável a curto prazo. Daí a extraordinária valia estratégica das Providências Régias que reforçaram a governabilidade de Macau, sobretudo aquando das convulsões do liberalismo português, importado e tardio, e com a cruzada Anti-Ópio protagonizada pelo Comissário Imperial Lin.

Importa ter a noção da importância da Congregação da Missão, ou Lazaristas, na missão em Macau e na China. Refere Monsenhor Manuel Teixeira<sup>3</sup>, «Foi o Bispo de Pequim, D. Alexandre de Gouvea quem entregou aos lazaristas o Seminário de S. José de Macau, que estava desocupado desde a saída dos jesuítas em 5 de Julho de 1762.(...) Tendo sido escolhido por D. Maria I para o Bispado de Pequim, consentiu a Rainha que D. Alexandre organizasse em Macau um seminário para a formação do clero indígena. Ora, quando veio de Lisboa e passou por Goa, notou aí a boa ordem que havia nos seminários a cargo dos Lazaristas e pediu ao Padre Manuel Corrêa Valente, português, e ao Padre João Agostinho Villa, italiano, que viessem para Macau tomar a direcção do Seminário que ele tencionava organizar. Deixando o Seminário do Chorão, estes dois lazaristas partiram de Goa para Macau, aonde chegaram em 28 de Julho de 1784, sendo o Padre Corrêa nomeado superior do Seminário de S. José. Sofreu este Seminário as reparações necessárias, sendo fornecido do necessário por D. Alexandre, elaborando ele mesmo o regulamento segundo o qual ali se devia ensinar gramática nas línguas latina e chinesa, retórica, filosofia, teologia dogmática, moral e matemática. Por ordem da Rainha, ficou estabelecido que fossem pagos pelo tesouro real os gastos feitos na reparação do edifício e no sustento e conservação de alunos e professores. Foi o Seminário inaugurado com 8 alunos em 1 de Outubro de 1784, pronunciando o Padre Corrêa nesse dia o discurso da abertura em latim, com a assistência do Bispo D. Alexandre de Gouvea e do Leal Senado, ficando todos bem impressionados e dando mostras de grande satisfação. Sob a

---

<sup>3</sup> «Os Lazaristas em Macau», in *Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau*, n.º 445, Ano XXXIX, Abril de 1941, pp. 891-892.

hábil regência dos padres lazaristas, iria este Seminário abastecer de missionários, durante mais de meio século, as províncias de Kwangtung, Kwangsi, Honan, Pequim, etc.; até 1800, continuou este seminário a ser o Seminário Episcopal de Pequim sob a direcção dos lazaristas portugueses».

Quinze anos depois de Joaquim Afonso Gonçalves ter chegado a Macau, em 1828, o Superior do Seminário de S. José dirige uma Memória<sup>4</sup> à Princesa Regente, onde se dá conta da extraordinária importância desse estabelecimento de ensino: «Como aos soberanos se deve falar a verdade aproveito esta ocasião para pôr aos pés de Vossa Alteza Sereníssima que não obstante haver sido fundado este Real Colégio de S. José de Macau somente para educação e ensino dos alunos chinas, a Congregação da Missão que tem por instituto ser útil ás almas sem deixar de o ser à sociedade e à pátria, vendo que não havia em toda esta cidade estabelecimento público para educação da mocidade dela, a qual nem a língua portuguesa falava, mas sim o corrupto, desagradável e quase ininteligível vasconso da terra, espontânea e gratuitamente abriu as portas deste Colégio à mocidade do país, a qual nele tem aprendido e aprende não só as primeiras letras mas as gramáticas portuguesa, sínica, latina, inglesa e francesa e além da retórica, lógica, filosofia e teologia para os eclesiásticos, se ensina aritmética, álgebra e geometria com muita vantagem dos que se destinam à arte da navegação, única artéria que sustenta esta cidade».

Gorada que foi a ida para a Corte de Pequim, o Padre Joaquim Afonso Gonçalves permaneceu em Macau entre os seus, isto é, os lazaristas. A sua acção cultural e pedagógica irá ser, como veremos, notável.

Será interessante reflectir no facto de um homem formado numa matriz civilizacional latina e cristã se abrir compreensivamente a uma mundivi-vência civilizacional outra, tão diferenciada e contrastiva, sem complexos eurocêtricos e etnocêtricos. E a aprendizagem metódica e persistente da língua chinesa, cuja complexidade é óbvia, foi a primeira janela aberta sobre a China, vislumbrando-se os usos e os costumes milenares, a psicologia da vida quotidiana, a cultura, as artes ou a civilização em geral. Ainda hoje é notada com algum assombro a relativa facilidade, em poucos anos, com que Joaquim Afonso Gonçalves aprendeu a língua chinesa, falada e escrita, com grande profundidade a ponto de nela ter redigido diversas obras. É caso para dizer que a intuição de Coménio<sup>5</sup> (1592-1670) é verdadeira: «As línguas aprendem-se, não como uma parte da instrução ou da sabedoria, mas como um instrumento para adquirir a instrução e para a comunicar aos outros».

O conhecimento da língua chinesa era essencial aos portugueses em Macau, bem como o da língua portuguesa para os chineses, essencialmente porque eliminava os equívocos que qualquer mediação linguística com-

---

<sup>4</sup> Publicada pelo Bispo D. João Paulino d'Azevedo e Castro, «Os Bens das Missões Portuguezas na China», Macau, 1917, pp. 67-68. Utilizo a edição fac-similada, editada pela Fundação Macau, Macau, 1995.

<sup>5</sup> «Didáctica Magna», edição da Fundação Gulbenkian, 3.<sup>a</sup> ed., 1985, p. 331.

porta. Mas, a realidade era outra, tendo-se criado a função de intérprete, usualmente a cargo de um macaense ou de um chinês cristão, que dominavam ambos os idiomas. Naturalmente que os mal entendidos abundavam. Foi uma solução pragmática que vigorou até ao termo da soberania portuguesa.

E foi exactamente nesta área da didáctica e da pedagogia que Joaquim Afonso Gonçalves ocupou uma posição relevante.

As obras que publicou, sempre com a chancela editorial do Real Seminário de S. José, foram as seguintes: *Grammatica Latina Ad Usum Sinensium Juvenum* (1828); *Arte China, Constante de Alphabeto e Grammatica, Compreendendo Modelos das Diferentes Composições* (1829); *Diccionario Portuguez-China no Estilo Vulgar Mandarim e Clássico Geral* (1831); *Diccionario China-Portuguez no Estilo Vulgar Mandarim e Clássico Geral* (1833); *Vocabularium Latino-Sinicum, Pronuntiatone Mandarina Litteris Latinis Expressa* (1837); *Lexicon Manuale Latino-Sinicum, Contiens Omnia Vocabula Utilia et Primitiva Etiam Scriptae Sacrae* (1839); *Lexicon Magnum Latino-Sinicum, Ostendens Etymologiam, Prosodiam et Constructionem Vocabulorum* (1841). Deixou inéditos os volumes seguintes: *Versão do Novo Testamento em Língua China e um Diccionario Sínico-Latino*.

Este aparato bibliográfico é demonstrativo da profundidade do seu saber bem como das qualidades pedagógicas enquanto Professor da Língua Chinesa, formador de alunos bilíngues que serviram, muitos deles, a administração em cargos de elevada responsabilidade como seja a Pro-curatara dos Negócios Sínicos. A importância do bilinguismo, sempre presente ao longo dos séculos, adquiriu naturalmente um crescendo de indispensabilidade e de estatuto profissional no século XIX. Para este estado de coisas não foi alheia a doutrinação pedagógica de Joaquim Afonso Gonçalves, sem sombra de dúvida o primeiro grande sinólogo português, visto que desde o *Regimento do Língua da Cidade*, de 1627, não existia uma estratégia de ensino e de aprendizagem da língua chinesa, escrita e falada, que propiciasse a criação de um corpo profissional de intérpretes-tradutores que apoiassem o governo na aplicação das suas normas, articulando com a eficácia possível, a ligação administração\comunidades.

Mas, cabe perguntar, qual a opinião da comunidade científica internacional sobre os seus méritos lexicográficos e como pedagogo da didáctica da língua chinesa? Abel Remusat, um conceituado sinólogo francês publicou no *Journal des Savants*, em Setembro de 1831, um estudo elogioso<sup>6</sup> da metodologia inovadora criada por Joaquim Afonso Gonçalves: «O Padre Gonçalves da Congregação da Missão, de Macau, é autor de uma obra sobre o estudo da língua chinesa, intitulada *Arte China*. Para ministrar aos estudantes todos os meios necessários para iniciar o estudo prático da língua chinesa, tanto falada como escrita, compôs três volumes: uma gramá-

---

<sup>6</sup> Transcrito no *Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau*, n.º 401, Ano XXXV, Agosto de 1937, pp. 130-131.

tica, um dicionário português-chinês, outro chinês-português, nos quais apresenta ao público quatro ideias fundamentais, relativas à interpretação dos caracteres e à sua classificação. Por uma forma nova análoga aquela que tinha proposto Montucci, ele reduziu a 121 os 214 radicais usados ordinariamente nos dicionários. Redigiu um catálogo de 1300 grupos fonéticos que ele chama diferenças. No volume que temos diante dos olhos, o autor dá uma lista de traços constitutivos dos caracteres (rasgos), de radicais (géneros) e de grupos fonéticos (diferenças), dispostos segundo uma ordem que lhe é peculiar. A este catálogo que ocupa 74 páginas e que contém 1411 sinais, chama ele alfabeto chinês. Mas *a Arte China* não se reduz apenas a um simples manual de etimologia. Aí se encontram exemplos de estilo literário e vulgar, uma gramática, uma tábua de partículas, 44 diálogos, trechos de história e de mitologia, modelos de peças oficiais, de estilo epistolar e de escrita cursiva, frases selectas em estilo mandarim e cantonense. Seria injustiça não reconhecer a obra dum literato tão versado na sua arte. Basta o seu primeiro volume para lhe assegurar um lugar distinto entre Varo e Prémare e os doutores Marhsman e Morrinson».

A sedução exercida pela China, em Portugal e na Europa, é bem antiga como é sabido. Júlia Kristeva<sup>7</sup> assinala algumas incompreensões linguísticas que toldaram uma visão serena e correcta da própria língua chinesa: «O pensamento europeu só bastante tarde teve acesso ao sistema linguístico e\ou escriturai dos Chineses, tal como à sua teoria e à sua ciência da linguagem. (...) mas a verdadeira sinologia moderna só começou no século XIX com o ensino de J. P. Abel Remusat no Colégio de França, em 1815». E este sinólogo, como vimos anteriormente, concede o seu aval científico à obra de Joaquim Afonso Gonçalves.

Mas, é conveniente atentar num pormenor estrutural. Abel Remusat inicia a sinologia francesa no College de France em 1815, criando-se desde então a Escola Francesa do Extremo Oriente, isto é, a Escola Francesa de Sinologia com uma indesmentível importância até aos nossos dias; por outro lado, Portugal esteve instalado na China, desde o século XVI, em Macau e não conseguiu criar uma Escola Portuguesa de Sinologia porque para os portugueses a sinologia era considerada uma excentricidade académica tendo os nossos escassos sinólogos protagonizado aventuras individualistas e muito solitárias, não obstante o seu valor, pioneirismo e genialidade. Como se pode compreender que a figura de Joaquim Afonso Gonçalves seja ignorada no seu próprio país e a sua obra ainda não tenha sido estudada e reeditada<sup>8</sup> em fac-símile?

Nos Anais da Congregação da Missão, publicados nos *Dossiers De La Commission Synodale de Peking*, de Julho de 1937 pode ler-se esta apreciação dedicada a Joaquim Afonso Gonçalves: «Seríamos taxados de ingratos, senão reconhecêssemos, além dos seus trabalhos literários, a sua

---

<sup>7</sup> «História da Linguagem» (1969), tradução portuguesa, 1983, Edições 70, p. 102.

<sup>8</sup> Deixo a sugestão à Fundação Macau, uma entidade que tantos e tão relevantes serviços culturais tem prestado a Macau.

ardente caridade pois o vemos sempre pronto a prestar os seus serviços espirituais ao público, sobretudo aos estrangeiros católicos que se encontram em perigo de morte e àqueles que por graça de Deus se convertem à verdadeira Igreja. Era assim de dupla utilidade nesta Cidade do Santo Nome de Deus de Macau. A juventude de Macau pode testemunhar a sua constante dedicação e abnegação durante a sua longa residência em Macau».

O facto de Joaquim Afonso Gonçalves ser lazarista<sup>9</sup> vem recolocar a questão do verdadeiro monopólio referencial dos jesuítas no que diz respeito ao estudo e ao conhecimento da China. A importância de outras ordens religiosas não é de modo algum negligenciável<sup>10</sup>, muito embora os jesuítas ocupem um lugar cimeiro.

É a hora e a vez de o maior sinólogo português do século XIX ser resgatado da ignorância infame a que a sua vida e obra tem estado sujeitas.

## BIBLIOGRAFIA

- ARESTA, António. «A Educação Portuguesa no Extremo Oriente», Lello Editores, Porto, 1999.
- CASTRO, D. João Paulino d'Azevedo e. «Os Bens das Missões Portuguezas na China», edição fac-similada, Fundação Macau, Macau, 1995.
- COMÉNIO. «Didáctica Magna», Fundação Gulbenkian, 3.<sup>a</sup> ed., Lisboa, 1985.
- FREITAS, P. Senna. «Os Lazaristas (pelo lazarista snr. Ennes)», ed. Livraria Central, Porto, 1875.
- GIRARD, Pascale. «Os Religiosos Ocidentais na China na Época Moderna», co-edição da Comissão Territorial de Macau para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses\Fundação Macau\Instituto Politécnico de Macau, Macau, 1999.
- TEIXEIRA, Mons. Manuel. «Vultos Marcantes em Macau», ed. Direcção dos Serviços de Educação e Cultura, Macau, 1982.

*Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau*

N.º 401, Ano XXXV, Agosto, 1937.

N.º 445, Ano XXXIX, Abril, 1941.

---

<sup>9</sup> Veja-se, a propósito, o interessantíssimo estudo do P. Senna Freitas, «Os Lazaristas (pelo lazarista Snr. Ennes)», ed. Livraria Central, Porto, 1875.

<sup>10</sup> Pascale Girard, «Os Religiosos Ocidentais na China na Época Moderna», co-edição da Comissão Territorial de Macau para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses\Fundação Macau\Instituto Politécnico de Macau, Macau, 1999.

